



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

27 DE MARÇO DE 1965
ANO XXII — N.º 549 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

FESTAS

Na hora em que escrevo, vésperas do começo da romaria, é Júlio o homem mais agitado. João «até faz nervos com a sua calma» — diz o Júlio. Enquanto João, sem ligar muito, divide o tempo entre os ensaios e o marcar e o emalar do guarda-roupa, que é coisa muito importante.

O Coliseu esgotou há oito dias. De Viseu o telefone é portador de boas notícias. De Aveiro, nem se fala. Ele é o Sr. Engenheiro, nosso «empresário»; ele é a própria empresa do Aveirense; ele é o Amaral mais as suas epístolas todas opiniosas!

Guimarães sentiu o vazio do ano passado e dá sinais de querer repará-lo, com uma enchente e um calor de fazer admirar os próprios vimaranenses. De falta de notícia, pelo menos, não se poderão queixar, pois os jornais foram de uma abertura a toda a prova; os Párcos e Reitores de

Igrejas da mesma sorte; e, no domingo 21, no desafio Guimarães-Cuí, que promete ser aferroado, só os surdos é que não ouvirão dizer que os gaiatos visitam a sua cidade na 4.ª-feira seguinte.

Para Coimbra, este ano, até no Porto houve pedidos de bilhetes. O que por lá irá não sei, mas espero que os cronistas o digam.

E assim temos realizada a primeira rodada!

A segunda será depois da Páscoa e abrirá em Viana do Castelo, no Teatro Sá de Miranda, em 21 de Abril. Depois será de novo o Coliseu, no domingo 25, às 18,30 horas. Depois Setúbal em 28, à noite, e Lisboa em 29, também à hora da 2.ª matinée.

No próximo jornal, ao darmos as notícias de como correu a primeira volta, esperamos em Deus deixar água na boca dos nossos leitores, que esperam pela segunda.

Setúbal



RA ao fechar da noite. O arrebol vespertino emoldurava a foz do Tejo esbatendo-se ao longe num roxo mais mortiço. No cais de Lisboa eu aguardava ordem de entrar no cacilheiro. De repente lembro-me: — Tenho de ir pró Barreiro. Porque não vou directamente no barco daqui? É mais barato. Pouco tempo. Nunca fiz a travessia. Vou. — Tinha-me decidido.

Voltei para trás e, apressadamente, dirigia-me ao respectivo cais. Ao passar junto do gradeamento ouço chamar: Senhor prior... Senhor prior... Era uma mulher vestida de preto, sentada no chão com uma criança ao peito abafada por um casaco preto e outra criança, sentada nas lages da calçada encostando a cabeça ao seu regaço.

Olhei de relance e respondi, como quem não quer ser incomodado: tenho pressa — e continuei. Eu já me tenho confessado muitas vezes da pressa. Hoje anda toda a gente com pressa. Temos medo de perder o barco. E o barco dos nossos interesses, das nossas preocupações e das nossas paixões está sempre para partir!... A consciência deu-me o rebate e eu voltei atrás.

Então? — perguntei debruçando-me, como quem pede perdão. «Já, a outra noite, dormi ali, com as crianças, junto à muralha. O Senhor Prior não arranja onde a gente durma?». Eu fiquei tolhido. Assim como quando se apanha um grande susto; sem encontrarmos solução para a nossa angústia.

Estava uma aragem cortante. Fixando bem as três personagens comeci a sentir o que teria sido aquela noite junto à muralha. A criancinha encostada ao peito da mãe tossia constantemente.

Prendi-me, comeci a indagar: — De onde é? Nisto a mulher levanta-se apertando a criança com o casaco preto. Era uma mulher alta, bela, de uma feminilidade irradiante, branca e arroxeadada pelo frio. — Somos de Beja, — respondeu. Pelo sotaque da voz confirmei a sua origem.

Que vei fazer para Lisboa, mulher? — perguntei confrangido? — «Apanhar choques, que tenho ataques desde os dois anos». Aquela hora, naquele local, o movimento das multidões era compacto. Sem darmos por isso, estávamos rodeados de um círculo de gente que se ia prendendo e apaixonando pelo diálogo e pelo drama.

Pensei levar a mulher à Polícia. Vieram à minha imaginação as várias soluções que a Polícia poderia dar. Mais: ela confirmou que já tem estado na Polícia.

Pensei deixar a minha capa. É uma capa quente que Padre Telmo me deixou ao partir para África. Pelo menos naquela noite dormiriam mais aconchegados. Mas uma capa de padre por sobre uma mulher assim, não seria acusação? E que resolveria esta atitude?

— Olhe, vai comigo para Setúbal. Pago-lhe o bilhete,

Continua na TERCEIRA página

TRIBUNA de COIMBRA

Hoje são duas histórias. Histórias verdadeiras de duas vidas verdadeiras.

1) — A história do Jorgito:

«Encontra-se internada neste Albergue, pela 2.ª vez, F. de 29 anos de idade, natural do concelho de Aveiro que residia numa barraca na Conchada, cidade de Coimbra.

A referida F. casou com E., natural do concelho de Coimbra.

Não faz caso da mulher nem do filho e parece viver amancebado.

Deste infeliz casamento há um petiz de 4 anos, que uma alma benfazeja, já de certa idade, recolheu por caridade.

F. foi presa por vadiagem e prostituição a que se dedicou, chaga essa que já vem de solteira.

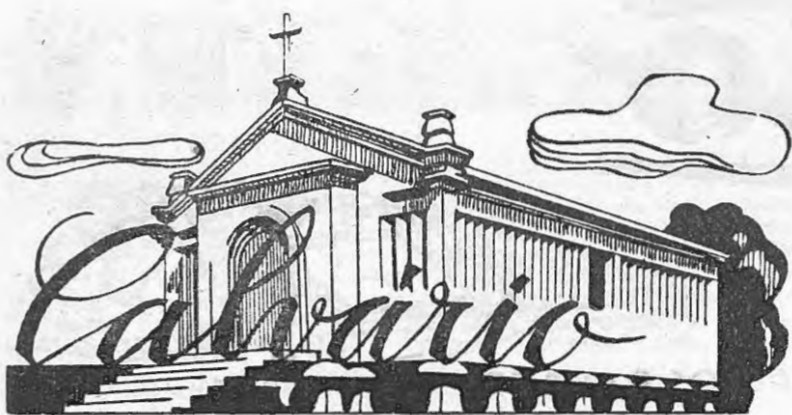
— Em face do exposto, ousou apelar para V. no sentido da criancinha — homem de amanhã — ser afastada do péssimo ambiente que a rodeia proporcionado pela atitude ignóbil de seus pais, a ser internada na Casa do Gaiato em tão boa hora fundada pelo saudoso P. e Américo».

«O Tribunal confirmou tudo isto e o Jorgito foi-nos dado por sentença judicial. Jorgito tem cara de doente. Nos primeiros dias foi esquivo. Agora já corre para nós a dar um beijo.

Continua na SEGUNDA página

O Manelzito, o Marito II e o Alijó adoram a criação — e os fotografos...





Senhora invisível que arranja colocação entrega-nos seu primeiro ordenado de 1.402\$00. Humilde portuense prossegue com a sua entrega costumada, ora 100\$00 ora 150\$00 e sempre muito discreta. Portuense qualquer tem vindo com os seus 40\$00 mensais. Comerciante de Paredes (quem havia de dizer que de Paredes?) chama-nos para receber 5.000\$00. Anónimo do Porto com mil e vontade enorme de expressar seu amor ao próximo. Viúva de Roberto com 20\$00 todos os meses. E com a mesma frequência M. Luiza. Anónima por alma de sua mãe com 1.630\$00. M. Edwiges com parcelas regulares muito amigas. Antonieta do Dafundo com 100\$00 e jeito de vir a ser freguesa nossa todos os meses. O Calvário é uma ocasião e um pretexto para amarmos os outros — assim pensam muitos, e muito bem. Avô anónimo continua a aparecer mensalmente a contar os meses que o neto querido vai fazendo. São dezenas. Mnito amigo deve ser o seu terno neto! Senhora inglesa com cadeira de rodas. Crianças de escola primária com 160\$00. Maria Alzira com 600\$00. Amigo com 270\$00. Manuela Pinto com 100\$00, tantas vezes! Médica de Lisboa com 500\$00. Escola de Matosinhos com 50\$. Casal do Porto com 440\$00 e outro com 200\$00. Visitante com mil. M. B. com 400\$00.

As alunas e professoras do Liceu Rainha Santa aprenderam o carreiro que trás até aqui e trouxeram-nos da última vez 4.330\$00. Maria Elvira 500\$00. Alunas do Liceu C. Michaelis 300\$00. Pecadora que de Deus espera protecção, com muitas moedas de dez escudos. M. Efigénia com 750\$00 para sufrágio. Para nossos irmãos do Calvário — de dois irmãos nascidos e de um que está para nascer. Que lindas mãos estendidas!

Peccator de Ovar com 60\$00.

Senhora de Rio Tinto 200\$00. Visitantes de S. Sacramento do Porto 550\$00. Senhora em visita 5.000\$00. Anónimo no Lar do Porto 2.000\$00. Emília com 300\$00 e M. José com 100\$00. São de Lisboa. Conferência vicentina do Porto com 600\$00. M. do Resgate com mil para colchões de espuma. Doente para doentes com 200\$00. Religiosa com 100\$00. Anónima da R. das Papoças com 50\$00. Director Geral com 500\$00, celebrando a sua tomada de posse. Médica que acompanhava 500\$. Aprendem uns com os outros a arte de valorizar eternamente o capital com juros de 100%. Visitante com 500\$00. Outra vez o avô aos 44 meses do seu neto. M. Manuel da Amadora com 500\$00. Padre Acílio com 6.000\$. Não sei onde lhos deram. Ele sabe. M. Emília com 50\$00. Senhora de Grijó com dez vezes mais. Idalina de Lisboa com 50\$00. M. G. com 100\$00. J. Rocha com 500\$00.

Alguém, tendo organizado passeio, envia-nos o lucro apurado. Engenheiro do Porto com 500\$00. Edwiges torna com 350\$00.

Anónimo do Porto com 30.000\$00.

Anónima de Lisboa (Lumiar) com 10.000\$00.

O bem não faz o mais pequeno barulho.

Senhor de Avintes com 500\$. Carolina com outro tanto. Glória com 100\$00. De Castelo de Paiva vêm trazer-nos 4.500\$00. De Aguiar de Sousa 1.000\$00. Parente de Sousa Vieira mais mil em memória deste. M. Delfina 50\$00 e Cesaltina 100\$00.

Mais outra Emília de Lisboa com 10.000\$00. Também aprendeu o caminho e não se cansa de dar. Da Pr. de Damão chega-nos 1.500\$00. Duas senhoras com 300\$00. E outra com 50\$00. Manuela de Almada com 100\$. Chefe de família de Braga com igual quantia pela sua saúde de

alma e corpo. M. Helena de Coimbra com mil. Seis funcionários da Força Aérea com 150\$00. Tereza com 50\$00. Avó agradecida com o dobro. Cândida com o mesmo. Promessa de Viana 500\$00. M. Alice com mil. Mãe e filha com 500\$00 e 200\$00. Costureira de Aveiro com 100\$00. Amigo com mil e outro com metade. Augusta Vouga pede oração pelo marido.

Para nossos irmãos do Calvário — têm chegado muitas cartas do Banco de Portugal, digo de alguns Funcionários do mesmo.

No Lar 100\$00. Rosalina 500\$00. Luiza com 50\$00. De Algés, 500\$00. Da Figueira, roupa. E sempre em ritmo mensal a oferta para o Calvário. Outra vez no Lar 200\$00.

De Inglaterra um cheque que rendeu 1.040\$00. Em sufrágio 200\$00 e mais 40\$00 e 500\$00 e 150\$00.

Renúncia a um passeio 500\$. É uma arte difícil de renunciar. Para o campo-santo 100\$00. De Pernes 500\$00. Da R. de Camões 300\$00. Aumento de vencimento 600\$. Donativos 100\$, 240\$00, 250\$00 e 533\$00. M. Fernanda 50\$00.

P.e Luis entrega-nos 4.300\$00 recebidos por Lisboa. Pelas filhas e marido 50\$00. Pelo nascimento de um filho 20\$00. Com maço de tabaco, 400\$00. Em cumprimento de promessa 1.000\$. Aumento de ordenado 100\$00. Da R. de Belém 150\$00. De Leça do Balio 100\$00. Do Diário Popular ainda nos chegou o donativo de 4.429\$60 resultado de muitas parcelas ali entregues. Bem hajam todos.

Padre Baptista

BARREDO

NUNCA ali tinha ido ao domingo e com sol tão alto. Nas ruas, carros, movimento de gente que vai e que vem. Nos jardins, adultos e crianças em recreio acariciado pelo sol quentinho de inverno. Ia, pois, com olhos de Domingo. Mas desci as escadas da Sé, quase até ao fundo sem encontrar ninguém. É um mundo diferente. Fui direito à casa da sra. Carlota que na sua modéstia e limpeza lembra a cela dum monje: um leito, um armário e uma pequena mesa de cozinhar. Uma alma simples, sem os artificios postigos da miséria, copiados ou recebidos da burguesia. Mas com a marea profunda das privações. Deixei-a muito contente por me ver, mais a ajuda que levava para levantar do penhor «um cobertor e uma saia» recurso de dias amargos.

Dali virei à rua do Barredo e dei um salto ao sr. Vitorino, a quem há muito não via. Uma das maiores necessidades deste Pobre é convertar. Ele sabe e muito. Andou por longe, trabalhou em muito lado. Conheceu uma relativa fartura e aconchego. Só a falta da perna e do braço o retém no leito há uma dúzia de anos. Seria hoje um homem válido se a assistência aos deficientes mo-

tores fosse então uma realidade. Assim, está inutilizado, sendo um peso para quem tem de acorrer às suas necessidades. O cigarrito é a única distração. Não sabe ler. Ninguém sobe ao sótão, senão, alta noite, os companheiros que dormem à beira. Mas vive bem disposto. Pediu-me uma camisola.

Como demorasse ali, estava uma chusma de pequenos e grandes: na rua à espera que fosse a suas casas. «Prometo desde que se vão embora e me deixem à vontade». Vou pela mão de um garoto a sua casa. Tenho ido mais vezes. A tuberculose passou e levou-lhe o pai não há muito. E encontro outro no seu lugar. É ela que faz a apresentação: «Agora tenho este homem comigo». Compreendi tudo e prometi voltar, quando tudo esteja arrumado. Tempo que não seja tão depressa.

A desgraça trama outra desgraça. É um homem que vive sem trabalho e procura mais encostar-se do que ajudar. Não posso servi-los, só com palavras. A doutrina cristã é positiva. Tenho que servi-los com acções e não posso complicar a Caridade com os papéis. Terei de ir muitas vezes sem terem dado um passo. A falta de recursos aqui é agravada por um atrofiamiento moral a que são incapazes de reagir. E se a Caridade me não levar a dar-lhes a mão, mesmo que resulte só atingir a parte material da questão, quem a substituirá benéficamente?

A saída cruzei-me com um grupo de raparigas folionas que ficaram entretidas enquanto eu descia, com piadas à «coroa» e saias do Padre...

Mais adiante é a Fonte Taurina. As crianças ali não têm conta. São elas a nota mais forte da vida crepitante desta zona. Não aquelas gorduchas e serenamente tímidas, bem vestidas e acompanhadas. Mas sim aquelas sujas e enfezadas, sem serem repelentes; endiabradas sem ofensa; brincalhonas, sem malícia; e barulhentas, num à vontade de quem está soberanamente no que é seu. Foi assim que elas me surpreenderam nesta última visita. Num momento a rua encheu-se e a algazarra crescia. Acorde muita gente à rua «Ai, eu pensava que fosse algum desastre». E para me ver livre mais do espectáculo que delas, refugiei-me na taberna da Rosinha. Aproveitei em sossego trocar uns dinheiros mais graúdos de pessoas que o têm mandado para que nestas andanças o entregue, enquanto o grupo dispersou. Subi ao n.º 48, e andei por lá muito tempo. São três andares cheios de quartos e cada quarto cheio de gente. Ouvi lastimar males que nunca passam, gemer dores que sempre abundam. E deixei conforto e esperança «in nomine Domini».

Padre Horácio

Padre José Maria

TRIBUNA de Coimbra

Continuação da PRIMEIRA página

2) — História do Diamantino:

«É de Setúbal. Tem 13 anos. Anda na 2.ª classe. Foge à Escola e à barraca. Ninguém faz nada dele. Fugiu da Casa do Gaiato de Setúbal onde esteve somente um dia. Pai doente paralítico. Barraca imunda e frígida. Mãe sórdida tem um amante e é meia anormal. Irmã de 14 anos na má vida. Irmãozinho anormal. Irmãzinha de 15 meses parece que nasceu ontem. Diamantino é dos nossos a todos os títulos».

Diamantino veio de Setúbal para Lisboa com P.e Acílio na O M e Janito a guardá-lo. De Lisboa para Coimbra veio conosco na Austin de Paço de Sousa. Em Turquel, enquanto tomámos uma chávena de chá que nos servira de ceia, Diamantino desapareceu e já o fomos encontrar a 2 quilómetros. De Coimbra para Miranda do Corvo fizemos a viagem na nossa Opel velhinha. Chegámos e Diamantino nem sequer entrou. Seguiu logo ladeira abaixo e alguém lhe deu boleia até Condeixa. Ali

ficou e foi mais tarde levado ao Posto de Guarda, onde esteve dois dias. Voltou a nossa Casa e parece sentir-se feliz. Tenho-o amimado e, sempre que o encontro, dou-lhe um beijo na fronte.

Eu não quero fazer comentários. Não quero falar nas barracas onde se forjam as histórias tristes de vidas tristes. Não quero falar em prostituição onde se matam vidas inocentes. Não quero falar em amantes que espesinham consciências. Não quero falar na anormalidade, tantas vezes fruto de vidas de vadiagem. Não quero falar na incompetência das nossas estruturas sociais para a solução destes casos. Não quero falar da nossa inconsciência social, intimamente alheia às aflições dos outros.

Quero sim pedir a Deus que nos torture a consciência e nos retire as escamas dos olhos para vermos claro a nossa volta e pedir-lhe que me ajude a fazer do Jorgito e do Diamantino Homens de amanhã.

LUISA TODY

SETUBAL

BILHETES A VENDA: Lar do Gaiato, Av. Luisa Todi, 38 — tel. 24620. Na Papelaria Campos, Largo da Misericórdia e nas bilheteiras do Cine-Teatro.

28 de Abril

Às 21,30 h.





Continuação da PRIMEIRA página

dorme em nossa Casa e amanhã arranjo-lhe passagens para Beja. Os numerosos restantes respiraram fundo, como se tivessem sido aliviados dum grande pesadelo. A mulher ficou perplexa. Depois não queria vir comigo. A multidão irrompeu em imprecações: — Dizia uma mãe: «Você não é mãe, não tem amor aos filhos». Um homem exclamava: — «Estas mulheres são a ruína da sociedade». Outros ainda: — «o padre não consegue nada dela».

Eu retirei-me. As acusações da multidão feriam-me e acusavam-me. Mais. Sentia vivamente a sociedade a imprecar-se a si própria sem o saber. Alguns homens vieram atrás de mim. Dizia-lhes apenas: — «Não atirem pedras. Sabemos lá quem deu o pontapé de saída nesta miséria que a mulher ostenta!... Ela não tem marido. Vai no sexto filho. Está grávida». Entretanto a mulher decidiu-se a acompanhar-me. Carreguei com a sua trouxa. Alguém me interpelou se ia na minha missão de recoveiro. Disse que sim.

Em Casa as senhoras deram banho às meninas. Vestiram-nas e calçaram-nas. A mulher também se lavou e vestiu. Tínhamos roupas para todas. Jantaram e dormiram.

Ao outro dia perguntei à nossa hóspede se me dava a menina. Que sim. Como quem alija uma carga.

A Maria da Conceição é um bebé de dois anos e ainda não anda. A desnutrição — uma palavra bonita para não dizer fome — é a causa do seu raquitismo, segundo o exame do médico. Levei-a para uma família onde Cristo tem reacções humanas. A Mãe é uma rapariga que quer realizar a sua vocação maternal criando filhos de ninguém. Já me tem três.

A outra menina foi para Beja mais a mãe e andam por aí mais os outros filhos e filhas.

A mulher tem trinta anos e o seu filho mais velho dezasseis.

Amanhã quando as suas filhas, rodando o círculo da vida, forem prostituídas a sociedade voltará a impreca-las, sempre no seu lugar de acusação.

Agora eu penso o que se deveria fazer.

Aquela mulher, mais as centenas delas nas mesmas circunstâncias, deviam ser levadas para um ambiente de semi-liberdade onde vocações de heroicidade cristã lhes proporcionassem alegria, trabalho, paz e equilíbrio, ten-

tando a recuperação da sua dignidade. Um ambiente no campo, em contacto com a natureza, onde houvesse ar, luz, sol, flores e uma vida doméstica, onde elas fossem senhoras da casa.

Aquela menina que foi com a mãe, mais a outra que há-de nascer, mais as outras que por lá andam, mais os filhos de tantas mães como esta, deviam ser arrancados, mesmo com um pouco de violência, às mães e aos ambientes e serem levadas para casas de família, no género das nossas, onde elas fossem filhas e a casa fosse sua, onde o amor de mãe lhes voltasse a sorrir sob um prisma de dignidade e equilíbrio, dando-lhes a noção do seu valor. A sociedade habituou-se à miséria e à imprecação. Estamos atados.

Haja alguém que se decida. Que desate as cordas deste conformismo criminoso e parta ao encontro de Cristo sofrendor nestes seus membros marcados pela sina da «desinfelicidade» — como me diziam há dias duas outras mulheres. Garantia-lhe em nome do Senhor que O encontrará autêntico.

Padre Acílio

Visado pela
Comissão de Censura



Auto- Construção

Onde todos pagam nada é caro, onde todos trabalham nada é custoso. Em todos os países do mundo milhares de famílias vivem em casas próprias. Esforços que se têm feito, em toda a parte, não resolveram o problema que se tem agravado mais e mais nos últimos anos. Esta situação, como aliás outras situações humanas, não terá nunca plena solução. Muitos homens não sentem a necessidade de viverem numa casa sua; outros a vendem quando a possuem. Mas a regra não é assim. Ao contrário, o homem normal deseja possuir a sua vivenda. Nela sente-se mais homem, porque mais livre, mais independente, mais seguro. O indivíduo do nosso tempo, como o de todos os tempos, poderá ir viver para uma casa herdada, para uma casa que mandou fazer, ou para uma casa que ele próprio construiu. Poderá herdar a casa de seus pais, de seus tios, de seus irmãos. Há uns anos atrás isso era muitíssimo mais frequente. Porquê? Porque hoje muitas famílias não a possuem e ninguém deixa o que nunca possuiu. Neste pormenor da vida muitos remediados de hoje não podem fazer o que fizeram os pobres de ontem. Quando os homens viviam espalhados pelos pequeninos povoados e as vivendas eram muito rudimentares, toda a

gente possuía a sua czinha. Modesta?, pobre? Certamente. Hoje não. Os homens aglomeram-se nos grandes centros, nas cidades e nas vilas. O indivíduo, a família deixou a terra. A decadência familiar gerou a decadência no aspecto habitacional. Toda a gente diz que é preciso procurar remediar a situação existente. Mas como? Mandar construir? Seria cómodo, mas uma casa é muito cara, é muito custosa. Certo, esta modalidade será sempre um caminho. Uma planta, um arrematante, um contracto e uma casa feita. Os industriais, os comerciantes, um ou outro emigrante, um ou outro funcionário público farão assim. Mas fica muita gente de fora. Para esses o caminho mais viável (não o mais cómodo) ainda será o da Auto-Construção. Uns tantos da mesma classe formam um grupo, uma equipa de oito, dez ou doze elementos e irão fazer, ajudando-se uns aos outros, oito, dez ou doze habitações. Todos pagam. Todos trabalham. E onde todos pagarem tudo será barato. E onde todos trabalharem nada será custoso. Auto-Construção dará ao grupo possibilidades que cada um dos membros não tinha. (Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

DOCTRINA

É muito fácil resolver os problemas dos outros quando há alguém que apare e a existência desse alguém não obriga a pensar mais e melhor no específico de cada caso social.

Nós, as casas de assistência, também temos o nosso reverso de destrutivo, uma vez que aliviámos a sociedade de muitas acções reparadoras que lhe pertenciam.

Cada doença requer o seu remédio; e ninguém se lembra de curar gripes com uma pomada para infecção de pele; ou a queda do cabelo com um tónico cardíaco.

Este empurrar às cegas os problemas de necessidade material e de carência afectiva, para qualquer casa de assistência, feita vasadouro de todas as misérias, é sintoma dum, de certo, não mal intenção, nada, mas inconsciente falta de respeito pela pessoa humana. E estes anos de vida ao serviço dos outros, confirmam (o que afinal é evidente!) que toda a solução social que não fôr adequada ao mal que procura resolver, não

só não resolve, como desedifica, deseduca a sociedade em geral, na medida em que a desresponsabiliza de remédios que a e.a compete dar.

Vem isto a propósito do que entre nós sucedeu há poucas semanas:

De uma paróquia transmontana, trazidos pelas mãos de gente boa da terra, chegaram-nos dois irmãos. Muito simpáticos, muito aconchegados um ao outro, depressa se aconchegaram cá em casa e estavam no que era seu.

A história deles é um drama vulgar, sem nada daqueles aspectos, chocantes que tantas vezes nos aparecem. O pai, trabalhador manual, morreu tuberculoso. E ficou só, com os filhos, a mãe, mulher nova, mas também franzina.

Ora a mãe veio trazê-los e vinha por aí de vez em quando. Conhecida de pessoa cá da terra, lá ficava de noite e o dia passava-o com os seus meninos.

No dia de Ano Novo veio, uma vez mais, e levou os filhos a comer com ela e a dormir com ela. Nada disse — e nós só dois dias depois soube-mos do que se passara.

Chamei-a; zanguei-me. A mulherzinha defendeu-se delicadamente com a sua saúde, mas prometeu não tornar a cometer aquele abuso. Porém, desaparecida daí um dia, logo voltou sem ter chegado a ir à terra, com certeza, a pedir que a deixasse levar os filhos. Que a um, uma parente o recebia. E para o outro sempre ela ia ganhando... E assim tinha-os os dois perto de si. «É que às vezes, senhor Padre, dá-me uma guinada e eu não posso mais, tenho de vir por aí fora, sabe Deus com que custo, ver os meus filhos».

Ora esta mulher tem toda a razão. Eu tive alguma quan-

do me zanguei por ela abalar aqui com os filhos sem uma satisfação, mas ela tem mais razão do que eu. É uma razão mais pesada, mais fundada na Lei da Natureza.

Final qual é o problema desta Família? Um problema meramente material! Esta mulher, graças a Deus, é uma mulher no seu lugar: é Mãe. Ela é capaz de criar os seus filhos e talvez até de os educar melhor do que nós mesmos, com aquela sabedoria instintiva que Deus dá às Mães. Ela vinha por aí, e sentia que os seus filhos não tinham aquele bafo individual de carinho que ela era capaz de lhes dar e nós não podemos dar aos 180 que fazem esta Família. E, como Mãe no seu lugar, que é, queria dar-lho.

Ora esta Mulher, com uma pequenina ajuda é capaz de milagres de multiplicação. Este caso social é um caso meramente material. Infeliz a sociedade que o não percebe e não está apetrechada para lhe corresponder e vai atravessar-se entre uma Mãe e seus filhos, ferindo mais com a sua panaceia do que logrou a cura que intentava.

Não será possível que esta mulher encontre na sua terra uma ajuda de pão e caldo que seja a condição do carinho e da educação que ela tem para dar aos seus filhos? Para quê tirar-lhos? Quão mais dispendioso é este roubo, e quão atentório dos direitos das pessoas numa sociedade que se tem por cristã!

Aqui deixo, pois, este caso à consideração de todos, momentaneamente dos que têm responsabilidade na solução dos casos sociais. E a todos, e até—que me desculpem — a muitas Senhoras Assistentes Sociais, eu peço que nos deixem livres para acudir aos filhos de ninguém.

MONUMENTAL

DE
LISBOA

29 de Abril
Às 18,30 h.

Bilhetes à venda: na Secretariá de Montepio Geral—Ourivesaria 13, R. da Palma, 13 — Lar do Gaiato, R. dos Navegantes 34, r/c — Telef. 669451



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

NOTA DA QUINZENA

«É tão fácil criticar aquilo que se não entende!»...

Ocorreu-nos esta afirmação de Pai Américo à vista do sensacionalismo (e nem todo isento de intenção!) dado ao noticiário do fim de 28 crianças que, em Luanda, eram objecto de amor.

Por sua natureza a notícia havia de ser triste. Mas também podia ser discreta e digna da parte de quem nunca mexeu uma palha em favor daquelas crianças.

Quantos cuidaram da sua sorte, antes que a sua necessidade tivesse demorado sobre elas, o olhar amoroso, das Irmãs daquele lar?

Quantas crianças morrem todos os dias por esse mundo além da morte lenta que a fome é?

Quantas bem perto de nós! Quantas, a quem doença vulgar e curável não perdoa, só porque ninguém lhes deu o remédio adequado, ou lho deu tarde, quando cumpridas formalidades que não aparecem nos bancos dos réus, posto sejam cúmplices em muitas mortes!

E quem repara nisto, que todos os dias se passa por esse mundo, de leste a oeste, de um polo ao outro polo, e também perto de nós?

E quem se doi? E quem, na sequência da dor, geme e grita o erro e a injustiça desta normalidade? Sim, normalidade, porque todos os dias assim é de um polo ao outro polo na roda do mundo!

Não será mais trágica esta normalidade, que vai devorando milhares e milhares, dia após dia, do que qualquer ocorrência infeliz, mas episódica, que num momento leva da vida algumas dezenas?!

E no entanto os sentidos do mundo não reagem assim. E gastam adjectivos que chegam ao ridículo, na qualificação dos substantivos tragédia ou drama, chamados a um acontecimento triste, mas não tanto como a miséria estabelecida, com que nos cruzamos todos os dias, que ajudamos talvez, a produzir, sem nela repararmos.

Às vezes, quando a tragédia ou o drama não é mortal, felizes as suas vítimas, que vêem, finalmente demorarem-se sobre si olhos de interesse que nunca os tinham fixado! São olhos que o sentimento dá e olhos que o senti-

mento leva! Benditos aqueles olhos que vêm nas trevas da miséria estabelecida, mesmo sem os relâmpagos de drama ou de tragédia ocasional, e se demoram amorosamente, eficazmente, na redenção da miséria!

É tão fácil carpir! Tanto, como «criticar o que se não entende!»

Tanto, como é difícil entender e amar a miséria estabelecida com um amor estabelecido também, que só assim, lhe é força proporcionada e de sentido oposto, a levantar quem está caído!

Só o amor de Cristo num coração de homem pode produzir este entendimento e este amor eficaz!

Quem dera que os noticiaristas discretamente, dignamente e (se necessário, porque não?...) sensacionalmente, dissessem muitas vezes aos homens para quem escrevem: — Nas últimas 24 horas não há conhecimento de nenhum grande desastre. Mas uma catástrofe sorna permanece e progride e concretiza-se em números assustadores. Chama-se fome e doença e propaga-se por esse mundo além.

E o mundo, afinal, é coisa estreita: Começa, dá a volta e termina ao pé de nós!

COLISEU

25 de Abril

Às 18,30 h.

DO

PORTO

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

● **Campanha da garrafa** — Registamos, com agrado, a sua aceitação por parte de alguns amigos. Isto, não só demonstra que o «pedi e receberei» é tão real como verdadeiro, mas também a amizade e compreensão de todos aqueles que nos amam.

«Queridos gaiatos.

Concordo com a campanha da garrafa. Um domingo que vos convenha, peço para passarem por minha casa...»

Já por lá passamos e trouxemos 12 garrafas bem boas. Um muito obrigado para esta senhora, e oxalá que outros lhes sigam as pisadas.

Um nosso amiguinho que tem apenas seis anos, escreveu-nos dizendo: «Ainda não jogo a bola. No entanto já gosto de ouvir falar dela. Como quero que tenhais depressa equipas e bolas, não tenho só uma garrafa para vos oferecer, mas 24.

Agradeço que venham depressa buscá-las...»

Já lá fomos. E, além das garrafas, trouxemos livros, sendo alguns deles escolares.

Para este nosso amiguinho José Carlos, vão os nossos agradecimentos e um abraço muito amigo.

De S. João da Madeira escreveu-nos a Senhora D. Conceição, perguntando qual o local no Porto, para entregar as garrafas. A esta senhora e a todos os amigos em iguais circunstâncias, informamos que as poderão entregar no nosso Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 — Porto. Agradecemos, no entanto, que, na encomenda, ponham em letra bem legível o seguinte: *Para a Campanha da Garrafa, Casa do Gaiato — Paço de Sousa*. Obrigado.

Só mais uma palavrinha para terminar. O produto da Campanha, destina-se a comprar equipas e bolas para o nosso grupo de futebol. Por isso, lembramos aos nossos amigos, principalmente aqueles que tenham garrafas vazias e que lhes não façam falta, o favor de no-las enviar.

«...Como quero que tenhais depressa equipas e bolas...»

Fausto Teixeira

BENGUELA

● Amigos leitores, desculpem a ausência que tivemos durante alguns números destas lindas e saudosas páginas. Não foi por falta de material para este, mas sim de tempo e inspiração.

● **Aviário**: — É com este que nos temos preocupado mais. São os pintos que saíram da casca do ovo há seis meses. Estes já não são pintos, e sim galinhas quase a pôr. Mas ainda há mais. Temos uns com quatro a cinco meses, alguns quinze que nos deram com três a quatro meses. E por fim, cento e dois, com perto de dois meses. Estes foram-nos enviados pelos srs. do Aviário de Malanje, com um rótulo que dizia: «Tratem-nos bem». Não se aflijam que nós tratamo-los bem. O nosso muito obrigado e mandem sempre que nós aguardamos.

● **Electricidade para a nossa Aldeia**: Foi em Agosto do ano passado que começaram a pôr postes, e nós com a cabine feita. Há tempos entrei nesta, e via por todos os lados «teias de aranha!» A S. A. C. é que nos está a pôr cá a electricidade. Estes já nos deram postes em ferro para

fazerem as ligações dentro da Aldeia. Depois mais objectos para a electricidade nos darão.

Amigos da S. A. C. cá vai em nome de todos nós um pedido que merece ser ouvido:

Ponham-nos a electricidade o mais depressa possível, está-nos a dar prejuízo, porque temos de comprar a que estamos a gastar. E ela que não é nada barata!...

● **Nossa Aldeia**: — Foi há muito tempo que se falou nela, pedindo algumas coisas para a começarmos. Até

agora os donativos me parecem ser poucos. Já temos quem nos empreste sua camioneta para carregarmos o que for preciso. Areia, pedra, telha, etc.

Não se esqueçam de nós, que andamos há um ano, para começarmos com as obras e não temos dinheiro. Não deixem para amanhã o que podem fazer hoje.

Obrigados por tudo que até agora nos mandastes, e cá esperamos mais, com ajuda de Deus.

Até à próxima.

João Evangelista



Hoje o nosso «artigo» vai somente com as presenças dos nossos amigos, por intermédio das encomendas que nos fizeram. Ora, começamos: Tem que ser por Lisboa, pois tenho um montão de pedidos à minha frente: — 12 camisolas e 3 chales. Para a mesma senhora, dias depois, veio outro pedido, as camisolas não chegaram queira mandar mais 6 para senhoras. Foi preciso fazê-las a toda a pressa, pois eram ainda para serem distribuídas pelo Natal. Mas apesar do nosso esforço não chegaram a tempo, devido ao atraso dos correios, o que lamentamos. Um vale com mil, e em troca 8 chales dos grandes; encomenda de todos os anos. Quem dera que houvesse assim muitas persistentes. Uma carpete. Como resposta, além da importância, veio esta referência: «Não sabia que trabalhavam tão bem, por isso os meus parabéns». 150\$00 para uma capa e 4 pares de pantufas para dormir. Alguns dias depois veio outro postal, dizendo: «recebi a encomenda que me deixou plenamente satisfeita e me vai servir, de propaganda dos vossos trabalhos». Logo a seguir:

«mande-me 19 pares de pantufas, 5 pegas, 1 camisola e uma combinação. E diz que não fica por aqui!... Trata-se de uma senhora funcionária dos telefones, que incendiou tudo na sua secção. E que dizer de outra amiga do Instituto Marítimo?... Para ela foram 3 encomendas durante o ano, de se lhes tirar o chapéu! Capas, pantufas, pegas, combinações, echarpes, etc. e etc. Diz ainda: E é preciso comer todos os dias... e o vosso ganha pão é esse; por mim farei o que puder». E tem feito graças a Deus, e à sua bondade. Outra, viu fazendo as suas encomendas mensalmente, para depois distribuir pelo Natal: — Diz ela que assim vai equilibrando melhor o seu barco doméstico. Isto é que é saber viver com os seus e com os outros. Um amigo que se assina «Bem haja», também de Lisboa, manda todos os meses 100\$00 para agasalhos, destinados ao Calvário. Senhora que vive em

Inglaterra enviou 1.040\$00 para o mesmo fim, e mais 1.040\$00 para agasalhos destinados aos Pobres da Condição do Lar do Porto e alguns de Ordins. Tudo foi entregue. Mais uma encomenda para Lisboa, pedindo desculpa de ser pequena, o desejo é grande, mas as posses são pequenas. E agora um alvitre!... «Porque não tem no Lar do Gaiato de Lisboa um mostruário dos vossos trabalhos?... Talvez isso facilitasse a compra dos mesmos». Hei-de conversar com o Sr. Padre Carlos, e depois se verá. Combinado?... Um chale, 1 combinação e 2 colchas para S. João da Madeira. 108\$00 vindos de Guimarães. Para Cucujães uma capa e 1 chale. Que agasalhos tão bonitos para presentes! Para Castelo Branco, 2 pares de pantufas. De Setúbal, pediram 1 capa, 1 combinação e uma manta. Uma senhora de Alcobaca ofereceu-nos 2 caixas de medicamentos. O meu apelo não foi grito em vão, mas ainda há lugar nos armários para mais... O que mais se gastam, penicilinas e fortificantes.

Quem levanta o dedo?...

Maria Augusta

Teatro Sá de Miranda

VIANA

DO

CASTELO

21 de Abril

Às 21,30 h.

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro.